

**ENTRE O POLÍTICO E O HISTORIADOR: BRASIL PINHEIRO  
MACHADO, MEMÓRIAS E A ESCRITA DE SI.**

Letícia Leal de Almeida<sup>1</sup>

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina  
(PPGH-UDESC)

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
(DEHIS-UEPG)

leticialeal.historia@gmail.com

O trabalho busca refletir sobre a contribuição do professor Brasil Pinheiro Machado para a Historiografia brasileira a partir dos cadernos produzidos por ele entre 1950 e 1988. O acervo de Machado foi doado pela família em 2013 e está sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A doação foi mediada pela historiadora e então professora da UEPG, Helena Isabel Mueller. Segundo o termo de doação, o material doado possui revistas, recortes de jornais, cadernos de anotações, correspondências, livros de poemas, artigos publicados, manuscritos, relatórios e crônicas. No documento, a professora Helena se comprometeu fornecer um relato sobre a documentação e como ela a recebera da família. No entanto, até a redação desse texto não havia sido fornecido. O material foi acondicionado em 15 caixas e ainda não foi catalogado.

Natural de Ponta Grossa, Paraná, Brasil Pinheiro Machado nasceu em 1907. Em 1930, tornou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, ingressou como professor catedrático de História do Brasil em um colégio tradicional da cidade de Ponta Grossa, o colégio Regente Feijó, sendo o seu diretor em 1931.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Santa Catarina, sob orientação do prof. Dr. Rogério Rosa Rodrigues.

Machado foi um homem público e desde os anos 30 teve sua trajetória notadamente marcada pelo envolvimento político. Em 1932, nomeado prefeito da cidade de Ponta Grossa. Em 1935 foi eleito Deputado estadual pelo PSD, porém teve o seu mandato interrompido pelo Estado Novo. Em 1936 retorna a Ponta Grossa, casando-se com Suzana Diez Jeart Pinheiro Machado. Nesse mesmo ano, foi novamente Deputado estadual pelo PSD. As relações com a cidade de Ponta Grossa foram retomadas entre 1937 e 1938, momento em que reassume atividades no colégio Regente Feijó. (MARCHETTE, 2013, p. 11-12)

Desde o início, a trajetória de Machado sempre relacionou a esfera da educação e sua atuação política. A partir de 1939, integrou assiduamente os debates da intelectualidade católica paranaense no Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB)<sup>2</sup>. A preocupação de Machado e de outros intelectuais do CEB resultou em 1938 na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCL - PR)<sup>3</sup>. Machado partilhava os anseios da intelectualidade católica paranaense, que buscava formar uma elite dirigente para o Paraná, que ocuparia os diversos postos políticos. Outra preocupação da FFCL, era com a formação de professores para o secundário e nível superior sintonizados com os ideais católicos. (CAMPOS, 2006, p. 28).

Entre os anos de 1939 e 1951, Machado foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade do Paraná e mais tarde na Universidade Federal do Paraná, atuou ativamente, ocupando diversos cargos institucionais até sua aposentadoria compulsória em 1977.

Nesse período, Machado foi procurador-geral da justiça do Paraná entre 1939 e 1945. Além de ter sido nomeado interventor do estado do Paraná em 1946 e deputado federal pelo PSD entre 1947 a 1951.

---

<sup>2</sup> A criação do CEB estava alinhada à postura da Igreja católica em sustentar os princípios cristãos na sociedade brasileira, como reação ao laicismo e aos anti-clericais. Na década de 1920 criaram no Rio de Janeiro o Centro Dom Vital e a Revista *A Ordem*. No mesmo período, orientaram a criação no Paraná da criação da Imprensa Católica, União dos Moços Católicos de Curitiba e o Círculo de Estudos Bandeirantes. O CEB tinha como objetivo o debate dos problemas sociais, políticos e filosóficos. (CAMPOS, 2006, p. 125-126)

<sup>3</sup> Daqui em diante utilizaremos a sigla FFCL- PR, para referir-se à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná.

Tentando conciliar a carreira política com a acadêmica, Machado assumiu a cátedra de História do Brasil a partir de 1950. Detentor de capitais simbólicos, políticos e culturais acumulados, em 1951 Machado integrou a comissão organizadora das comemorações alusivas ao primeiro Centenário da Emancipação Política do Paraná, além de ser membro do Instituto Histórico Geográfico Etnográfico do Paraná (IHGEP). As comemorações foram articuladas pelo governador e também professor da Universidade Federal do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Netto. Foi nesse contexto que Brasil Pinheiro Machado produziu o *Esboço de Uma Sinopse de História Regional* (1950), texto que anos mais tarde o consagraria como uma leitura clássica dos estudos sobre História regional paranaense.

### ***ESBOÇO DE UMA SINOPSE DE HISTÓRIA REGIONAL***

Segundo Marchette (2005, p. 19) o objetivo de Machado em traçar uma História do Paraná consistia em consolidar um instrumento teórico, que legitimasse um passado comum para um território que ora se identificava (Paraná Moderno): com São Paulo, o sudoeste com os gaúchos, e catarinense e o Paraná Tradicional. O texto *Esboço de Uma Sinopse de História Regional* estava alinhado ao modelo de História proposto no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), do qual Machado fazia parte. “O “Esboço” atualizou regionalmente, a história a serviço da política, fornecendo as diretrizes para a historiografia local interpretar a formação histórica paranaense.

Pinheiro Machado argumentava que a história do Paraná deveria ser organizada em 22 capítulos, pois compreender a história nacional significava relacionar as histórias regionais que se organizariam a partir de cada região, devido aos interesses de convívio e parentesco. (MACHADO, 1997, p. 181)

Dialogando com Caio Prado Júnior e Oliveira Vianna, Machado destacou uma história do Paraná a partir dos empreendimentos portugueses, mesmo que um dos capítulos propusesse pensar o Paraná espanhol decorrente das missões jesuíticas. Na perspectiva de Machado, o Paraná possuiria um regionalismo particular, mas não se

distinguiria no que se refere ao domínio econômico e político que algumas famílias exerceram e continuam exercendo poder. Entendemos o espírito que envolvia os paranaenses, pois na ansiedade de efetivar a modernização no Estado precisava compreender a relação do Estado com seu passado desde a colonização, presente em vários dos capítulos que Pinheiro Machado propõe no “Esboço”:

Tendo a profunda consciência de que é um ser histórico, o homem moderno cada vez mais perde a atitude de venerador do passado para fazer de centro de suas aspirações vitais as esperanças no futuro, e se convencer, cada vez mais, de que a construção do futuro é uma libertação do passado, que depende de seu discernimento, de seu esforço, de sua ação e, conseqüentemente, da compreensão da própria história.

Assim o passado se lhe apresenta como uma experiência que é preciso superar (MACHADO, 1997, p. 178)

Desta forma, Machado rompe com uma tradição, sobretudo Positivista, de pensar a História a partir dos grandes atores e enaltecendo um discurso de vicissitudes, numa hermenêutica do passado paranaense que lhe permitisse vislumbrar possibilidades de desenvolvimento para o Estado, problematizando a construção de uma cultura paranaense e a superação do “atraso”.

Nesse ponto, a partir das referências teóricas de Machado em João Ribeiro, Capistrano de Abreu e Varnhagen, o passado paranaense deveria convergir para o nacionalismo brasileiro, compreendendo todo o discurso nacional-desenvolvimentista que se estabelecia a partir do segundo governo de Vargas, continuado no governo Juscelino Kubitschek, nos anos 1950. Nas palavras de Pinheiro Machado: “É, pois, do passado, das experiências do passado, da sua compreensão e interpretação, que extraímos os valores nacionais que movem os dínamos para o futuro”. (MACHADO, 1997, p. 178)

Assim, a partir da análise de períodos recuados, Machado buscava compreender o passado paranaense, buscando projetar perspectivas de futuro que integrasse a região no Brasil. Machado buscou atualizar e consolidar a historiografia paranaense, refletir sobre as individualidades. Os historiadores pretendem compreender o tempo histórico, enquanto construção de sentido sobre sua experiência no tempo, esse último em seus diversos níveis, nos quais as experiências se inscrevem.

Revel (2009, p. 84) destaca que após os anos 50 se observa uma mudança epistemológica e o rompimento com uma visão descontínuista em História. Momento em que os grandes modelos explicativos vigoraram nas Ciências Sociais (Marxismo, Estruturalismo), que buscavam compreender a sociedade através de uma totalidade.

Machado pode ser compreendido como testemunha da profissionalização do historiador, desde a institucionalização do Departamento de História em 1959. Nota-se em seus textos, uma preocupação em instaurar uma memória e uma consciência histórica, que pode ser compreendida a partir da proposição de uma História Regional paranaense. Além disso, ao refletir sobre a pesquisa histórica, problemas, tensões, lacunas, buscava atribuir um sentido à sua prática enquanto historiador, que teve como referencial sua atuação política. Desse modo, nos cadernos de memórias perceberemos as relações possíveis entre a experiência de historiador e político, e as implicações desse último na sua concepção de História.

A importância conceitual de Machado se estendeu no processo de interiorização das Universidades no Paraná, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual de Maringá, tendo em vista que o corpo docente dessas instituições, em grande parte cursaram o Mestrado, fundado em 1972 na Universidade Federal do Paraná, a partir dos esforços mobilizados por Machado junto aos demais docentes da UFPR.

A criação do Programa de Pós-Graduação em História, nível de Mestrado no ano de 1972, representava a realização de um conjunto de procedimentos adotados pelo DH da Universidade do Paraná desde 1959. A delimitação dos estudos em História Regional e a organização de fontes e arquivos para pesquisa foram estabelecidos previamente com o intuito de organizar um espaço de formação para professores universitários no Paraná. O diálogo com a historiografia brasileira se dava na concentração em História do Brasil e linha de pesquisa em História Econômica e História Demográfica. (ALMEIDA, 2017, p. 87)

Em grande medida, a produção de Machado contribuiu para a consolidação da historiografia paranaense, tanto na definição de metodologias, teorias, conceitos, na emergência do historiador de ofício.

Dessa maneira, a história regional foi apresentada como fio condutor da produção acadêmica no Paraná até meados dos anos 90, fato observado no predomínio de estudos

regionais até meados dos anos 2000, com a fundação de revistas acadêmicas, como a Revista de História Regional da Universidade Estadual de Ponta Grossa, fundada em 1996<sup>4</sup>. Assim, mesmo após sua aposentadoria em 1977, a produção de Machado continuou sendo apropriada e ressignificada no campo acadêmico. Machado faleceu em 1997, mas manteve-se como uma das principais referências teóricas da Historiografia paranaense.

A produção de Machado foi consagrada no ambiente acadêmico, a partir do seu conceito de história regional o que consolidou uma determinada imagem para a sua produção, fornecendo a base para a construção de uma identidade para a produção acadêmica paranaense. O que pode ser observado na reedição do texto do esboço na Revista Questões e Debates da UFPR, em 1987:

Várias gerações de professores e estudantes de História têm utilizado a idéia de um modelo explicativo da história regional, tanto na investigação como no ensino de História do Paraná. Esta Revista já publicou texto que tratavam explicitamente da questão, além de artigos do próprio professor Brasil Pinheiro Machado; a referência a ele é constante em dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, e suas hipóteses fundamentais testadas obrigatoriamente em trabalhos que resultam de pesquisas sobre o Paraná tradicional. Portanto, quase quarenta anos após a sua primeira publicação, seu conteúdo continua atual, além de sua importância para a historiografia paranaense. (QUESTÕES & DEBATES, 1987, p. 177)

A publicação visou em alguma medida atualizar os leitores da contribuição da mesma, ressaltando assim as orientações teórico metodológicas que creditavam a produção do seu texto e conferiam a ele um sentido atemporal devido à sua importância conceitual. O conceito de história regional é recorrente em dissertações e teses, na Geografia, História, Sociologia e Economia. Vale ressaltar que o texto de Machado inicialmente possuía um objetivo norteador, como o próprio nome já diz, um “esboço” do que um livro de História do Paraná deveria contemplar e não ser um aporte conceitual.

Pretendemos assim, pensar a produção historiográfica de Machado a partir da História do Tempo Presente, pois, existem tempos históricos que transcendem a experiência dos indivíduos e de gerações.

---

<sup>4</sup> Sobre a Revista de História Regional ver: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>

## BRASIL PINHEIRO MACHADO, O HISTORIADOR

Machado pode ser compreendido como precursor de uma historiografia acadêmica, pois personifica a transição do intelectual polígrafo (mesclando carreira política e intelectual) para o historiador de ofício, formando a primeira geração de professores universitários no Paraná. A produção universitária visava definir, construir as diferenças da produção acadêmica com a produção dos eruditos, fato observado nas demandas e preocupações presentes na organização do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná em 1959, recém-separado da Geografia. Separar significava atribuir um sentido, uma individualidade para a produção, além da organização de critérios de validação e legitimação da produção historiográfica paranaense na Historiografia brasileira. Machado juntamente à Cecília Maria Westphalen, Altiva Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado, Neusa de Castro Guimarães, Odah Regina Guimarães Costa, Oksana Boruszenko e Jayme Antonio Cardoso, compõem o primeiro quadro de professores do Departamento de História da UFPR. A Ata de anamnese da composição do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná foi redigido em 1964, enquanto um memorial da sua organização.

Entre as ações da organização do Departamento, destacamos a proposta de projetos de pesquisa e seminários, que visavam realizar a leitura e a crítica de autores clássicos da historiografia paranaense, embasados a partir dos referenciais teóricos franceses da Escola dos *Annales*, sobretudo a partir das apropriações de Fernand Braudel.

Afirmava a necessidade em articular à produção historiográfica paranaense à História do Brasil, sem perder de vista as individualidades e particularidades relacionando à ideia de nação vigente. Machado juntamente aos demais professores, lançaram as bases teóricas-metodológicas que norteariam a escrita da História do Paraná na UFPR.

A partir dos cadernos de memória elaborados por Machado, buscaremos compreender as tensões, apropriações e ressignificações teóricas e diálogos que estabelece com a Historiografia brasileira, bem como suas representações do passado.

Como destaca Nicodemo (2018), a primeira geração de professores universitários se notabiliza pela preocupação com o estatuto científico da História, buscando construir uma individualidade e um caráter científico para a disciplina.

Koselleck (2013) compreende que geração é um grupo de indivíduos que compartilham uma história em comum, que possuem experiências vivenciadas, sejam elas singulares ou recorrentes. Por isso, pensar a produção de um historiador do século XX, é também refletir sobre o Tempo Presente, tendo em vista que os limiares entre as gerações de pesquisadores não são evidentes.

Em seus textos, Brasil teceu uma relação com a temporalidade, buscando responder as demandas do presente, relacionando o conhecimento produzido sobre passado, visava projetar um futuro.

A produção discursiva de Machado é elaborada a partir de um eixo temporal e da sua apreensão do tempo, por vezes organizado a partir de um sentido de início, meio e fim. A própria emergência de conceitos nos cadernos que foram elaborados por Machado, como o por exemplo o conceito de história regional, são construções relacionadas à sua experiência, tanto como político, quanto professor. Buscaremos compreender como essas temporalidades confrontam-se e organizam diferentes discursos.

A experiência de um indivíduo não pode ser compreendida linearmente, mas a partir de continuidades e descontinuidades, de múltiplas temporalidades, além de situar sua experiência e tomadas de posição, diante das problemáticas e embates disciplinares presentes na Historiografia do período. Assim, nos propomos compreender Machado e sua relação com as temporalidades, o que Koselleck denominou de estratos, ou seja diferentes planos, que possuem durações e origens diferentes, que atuam simultaneamente, diacrônica e sincronicamente sobre os indivíduos. (KOSELLECK, 2013, p. 9)

Os estratos do tempo referem-se a diferentes camadas, com diferentes velocidades temporais. Como afirmado por Koselleck:

Reside aí a determinação individual de cada geração, que pode ser facilmente estendida a todos os que vivem em um mesmo tempo e cujas condições sociais ou experiências políticas se assemelham. Formam-se assim unidades



geracionais, mesmo que mortes e nascimentos as alterem continuamente. (KOSELLECK, 2013, p. 29)

Dito isso, teceremos as relações que esse conceito estabelece com as bases teóricas que Machado acessou, seja na História, na Sociologia, Filosofia, Economia e Antropologia. O que não significa que a sua produção não possua singularidades, mas possuem diferentes velocidades de mudança, ou seja, diferentes temporalidades.

As categorias de estudo construídas pelos indivíduos são conseqüências temporais, que podem ser verificadas nas diversas camadas temporais do discurso, que possuem profundidades diferentes. Planos temporais distintos em que os acontecimentos se desenvolvem, pois, a narrativa histórica, enquanto uma narrativa específica, se dá a partir da construção desse relato, ou seja, como uma ciência da experiência. (KOSELLECK, 2013, p. 20)

Porém, como já discutido anteriormente, as estruturas temporais também são dotadas de repetição. Assim, todo ato de linguagem é disposto pela comunicação, como uma reatualização, mesmo que sofra mudanças lentas ou quando surge algo novo.

Portanto o que nos propomos é de forma dialógica relacionar a experiência do autor (pessoal, política, existencial, de classe e religiosa), e a elaboração científica, em seus cadernos de memória. Compreendendo os pressupostos que o engendram e as implicações sociais e políticas em sua narrativa. Nas palavras de Koselleck, sobre o engendramento das temporalidades e experiência: “Quando um historiador transforma experiências surpreendentes - assombrosas ou felizes - em conhecimento, seja de que forma for, vê-se forçado a aduzir razões duradouras, de prazo médio ou longo, para explicar experiências singulares”. (KOSELLECK, 2013, p. 44). Ou seja, o historiador atribui sentido à sua experiência, construindo novos sentidos e novas formas de construção do conhecimento.

Como destaca Gagnebin, o ato de escrever é uma construção de memória, um gesto que propõe evitar o esquecimento. O que significa pensar que escrita sobre si também revela uma preocupação com a compreensão e esclarecimento do presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 44)

Os cadernos de memória, foram redigidos entre 1949 a 1988. Alguns cadernos possuem fichamentos, notas de leitura, planos de aula e rascunhos. Entre os títulos atribuídos por ele, os seguintes cadernos nos chamam atenção: “Esboços, Apontamentos, Observações, Notas” (1959-1963); “Notas, apontamentos e anotações” (1964-1973); “Apontamentos - notas” (1970-1976); “Sugestões”, (1972-1977) e “Notas - apontamentos” (1976-1988).

A organização sistemática de Machado, em datas, títulos e temáticas, também deverão ser aprofundadas, buscando compreender o sentido construído por ele e as possíveis relações entre os cadernos, como observado por ele no texto datado de 1964 contido no caderno “Notas, apontamentos e anotações” de 1964-1973, no qual ele discute sobre o conceito de comunidades históricas:

Noutros cadernos e noutros lugares tenho procurado elaborar uma teoria a que, na falta de melhor dado a denominação de “comunidades históricas”. Resumindo apenas para ligar às anotações que já tenho feito noutros cadernos, recordo que essa teoria se apoia no seguinte, 1º que a colonização do Brasil é feita de cinco pontos diferentes, ao mesmo tempo, por motivos diferentes e em áreas diferentes. (João Ribeiro, Martins, Capistrano).<sup>5</sup>

Desse modo, os cadernos são articulados entre si, tanto no aprofundamento quanto no debate travado com autores, em constante diálogo com outros cadernos, textos, que ele busca compreender. Os textos utilizados por Machado são lidos a partir de sua singularidade, mas também em comparação a outros textos, conferindo assim múltiplos sentidos.

Para Traverso (2012, p. 282), a escrita como construção de sentidos sobre o passado, articula a memória, enquanto movimento de recordações individuais e representações do passado. Nas relações entre memória e história se verifica múltiplas temporalidades, que são reelaboradas tanto a partir da experiência do vivido, quanto das relações individuais no tempo.

Assim, outra questão que deve ser levada em consideração sobre a produção dos cadernos e a organização do arquivo de si mesmo, ou seja, o próprio gesto de

---

<sup>5</sup> Sobre “comunidades históricas na história brasileira”. Notas, apontamentos e anotações. 1964. pág. 1 Disponível em: Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

arquivamento realizado por Machado, que nos permite vislumbrar a relação entre o vivido e a sua percepção de si. Assim, a partir escrita, Machado instaura um lugar para si no presente. Compreendendo a escrita como um gesto de trabalho, elaboração e atribuição de sentidos à sua experiência.

O olhar de Machado cristalizado em suas memórias fora organizado a partir de uma perspectiva, que possui uma profundidade temporal, espacialmente delimitada e também temporalmente datada, tendo em vista que as relações entre presente, passado e futuro variam a cada época. O historiador constrói seu trabalho a partir da relação entre as temporalidades, articulando o presente com o passado e também o futuro e o passado. Isto posto, a partir da escrita, é possível verificar as tensões entre o vivido e a imagem que ele constrói. Machado enquanto historiador inserido no breve século XX, experimenta a efemeridade, produz em um período em que as transformações políticas, sociais e econômicas eram cada vez mais rápidas. Enquanto historiador, posiciona-se diante dessas transformações, reflete sobre suas experiências. Hobbbsawm em *O breve século XX*, argumenta que os anos pós segunda guerra mundial foram de grande crescimento econômico e por isso as pessoas foram acometidas por uma grande expectativa em relação ao devir.

A partir da concepção do tempo enquanto experiência e apreensão, buscaremos compreender como Machado organizou suas memórias, as temporalidades e sentidos que construiu sobre sua experiência como historiador. Koselleck atenta ao fato de que as experiências temporais se organizam a partir da alteridade.

## **HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE**

Ao tomarmos a produção de discursos de um historiador enquanto objeto de estudo, devemos compreender a construção de uma identidade historiográfica e como este organiza um saber. A partir da história da historiografia, buscaremos compreender a construção de conceitos, reflexões, a partir de uma reflexão sistemática acerca dos discursos sobre o passado e as memórias que a partir dele foram construídas. (NICODEMO; SANTOS; PEREIRA, 2018, p. 192-193)

A problemática da pesquisa que visa compreender como Machado planejou escrever a História e as práticas relativas ao ofício, insere-se na História do Tempo Presente na medida em que propomos refletir sobre uma experiência transversalizada no tempo, ou seja, como Machado relacionou presente, passado e futuro. Além de permitir compreender as permanências dessa historiografia no presente. Machado ao observar seu tempo, constrói na narrativa uma imagem de si e da sociedade do seu tempo, com uma determinada profundidade temporal. Devemos estar atentos ao lugar de enunciação do historiador e sua prática, como destacado por Nicodemo et. al (2018, p. 84): “A releitura desses textos “fundacionais” a partir de nosso presente coloca-nos diante de dilemas ainda não resolvidos. Podem ser mesmo tensões constitutivas da escrita da história”.

O historiador ao escrever, apresenta diferentes consciências metodológicas, desde os procedimentos adotados para análise, a organização da narrativa, que nos permite compreender como a experiência se organiza.

A pesquisa sobre o ofício do historiador não trata apenas de uma experiência singular, mas dos procedimentos e processos dos quais ele faz parte. Buscando compreender as tensões entre a subjetividade do autor e a escrita da História.

Desse modo, refletir sobre o discurso do historiador, é também relacioná-lo à História do Tempo Presente, desde a preocupação metodológica, até mesmo as construções teóricas que visam dar sentido à sua experiência no tempo. A concepção de tempo presente está atrelada à problemática da temporalidade, da contemporaneidade que inclui tradição, vestígio e lembrança de períodos ditos “superados”. (ROUSSO, 2013, p. 17). O que nos permite refletir sobre uma produção temporalmente datada, mas que ainda é residual na Historiografia paranaense. A particularidade dessa perspectiva reside em reconhecer que o passado não é algo “acabado”, mas algo que não se encerrou e ainda está vigente. Nesse ponto, vale destacar a emergência do termo historicidade na historiografia alemã, remetendo-se à variabilidade do conhecimento que os indivíduos constroem sobre si mesmos, temporalmente delimitados. A concepção de historicidade nos ajuda a compreender os indivíduos e as representações que constroem sobre o passado, presente e futuro. (ROUSSO, 2013, p. 21-22)

A história do tempo presente problematiza como o presente se construiu no tempo, reconhecendo a espessura do temporal do presente. A profissionalização da história no século XIX visou demarcar uma ruptura entre presente e passado. Os *Annales* por sua vez, atribuem ao presente um novo sentido, a partir da ideia de que a partir do presente é que as questões são elaboradas. (DOSSE, 2012, p. 7-8)

Sobre a mudança no regime de historicidade no século XX e a história do tempo presente, Rousso argumenta:

Enfim, o presente se constituiu hoje, sem constatação, uma categoria dominante e mesmo invasiva, se ele influi particularmente na maneira pela qual encaramos as lembranças do passado próximo, acontece também que essas lembranças, essa memória, se exprimem, em sua essência, sob o regime assaz tradicional de um fardo, de uma assombração do passado, ainda quando as soluções trazidas para o enfrentar pertencem, com efeito, a uma forma de presentismo. (ROUSSO, 2013, p. 23-24)

As lembranças que a escrita de um historiador evoca, nos permite problematizar as raízes da historiografia paranaense, enquanto memórias de um passado que continua presente e é acionado para dar sentido ao presente. Dessa forma, visando compreender a emergência do tempo presente na Historiografia, Ferreira (2018) sublinha o fato de que os historiadores não estão de fora dos processos, mas que são testemunhas e ao mesmo tempo atores e por isso, a historiografia pode ser compreendida como objeto da História do Tempo Presente

A produção dos historiadores, pode ser entendida como um sintoma da mudança no regime de historicidade. Por isso, a problemática insere-se no tempo presente, ao passo que pretende compreender como Machado relacionou-se com o passado e os sentidos construídos por ele a partir de uma experiência temporal. Compreendendo desde o lugar de enunciação desse sujeito, até as maneiras que ele conduz a pesquisa. A partir da concepção de tempo presente é possível verificar o que do passado ainda é contemporâneo, nas palavras de Dosse: “A noção do “tempo presente” se torna nesse contexto um meio de revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas”. (DOSSE, 2012, p. 11).

Ao tomarmos como fonte os cadernos pessoais de Machado, nos permite vislumbrar uma escrita mais pessoal, até pela natureza mais informal. O que deixa mais

evidente as tensões entre a objetividade e subjetividade, o que o texto acadêmico tenta esconder ou deixar menos evidente possível, como observado por Certeau (1971, p. 67): “Nada dos ruídos de uma fabricação, de técnicas, de imposições sociais, de posições profissionais ou políticas perturbava a paz desta relação: um silêncio era o postulado desta epistemologia”.

Como destacado por Dosse (2012, p. 13), o historiador é um mediador entre as demandas sociais e as questões teóricas e acadêmicas, por isso se faz necessário compreender os processos reflexivos do ofício. Desde o gesto de separação de fontes, textos e a organização disso na narrativa, que nos possibilita historicizar a experiência de um historiador que participou da organização da historiografia acadêmica e refletir sobre a sua importância na construção desse campo, refletindo sobre Machado à luz das discussões da História da Historiografia. Buscando compreender como Machado em seus cadernos construiu reflexões, quais categorias são mobilizados por ele e quais categorias ele rejeitou. Sua produção, à luz da história da historiografia, nos permite compreender a emergência do ofício do historiador, bem como as implicações dessa produção no presente, enquanto consolidação de uma identidade para o historiador de ofício no Paraná.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, buscaremos compreender partir de uma genealogia da memória, as memórias em disputa sobre Brasil Pinheiro Machado, relacionando as tensões entre o homem político e o historiador. Buscando refletir sobre a memória construída sobre ele, os altos e baixos da sua consagração, entre a memória e o esquecimento, disputas historiográficas em torno da historiografia regional paranaense e sua atuação acadêmica, contrapondo a imagem que Machado constrói de si mesmo nos cadernos de memória, diálogos historiográficos e a relação professor/pesquisador.

Compreendendo desde a organização do arquivo de si mesmo, a partir dos caminhos e seleções prévias até o seu acondicionamento na UEPG. A partir das tensões vividas pelo político-historiador Brasil Pinheiro Machado, buscaremos compreender os estratos do tempo na produção de Machado. Tendo em vista que a produção do

conhecimento do Tempo Presente no Paraná dependeu em grande medida do que fora produzido por Machado e dos procedimentos já mobilizados por ele, que nos permitem refletir sobre as tensões entre subjetividade e objetividade no ofício do historiador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATA da Reunião do Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, realizada em 2 de dezembro de 1964 [registrando sua constituição em princípios de maio de 1959]. **História: Questões & Debates**, Curitiba, UFPR, n.50, jan-jun., 2009.

BALHANA, Altiya Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.

CAMPOS, Névio. **Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade (1892-1950)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2008.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento: Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis**, v. 4, n 1, p. 5-23, jan./jun., 2012

FERREIRA, Marieta de M. **A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed.34, 2006.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2014

MACHADO, Brasil Pinheiro. Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná. **História: questões & debates**, 8(14/15):177-205, jul.-dez. 1987.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. **A trajetória de Brasil Pinheiro Machado e a construção da historiografia regional do Paraná no território acadêmico; 1928-1953: do poema ao modelo historiográfico**, 2013, 360 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

NICODEMO, Thiago Lima; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Uma introdução à história da historiografia brasileira (1870-1970)**. Rio de Janeiro: FGV, 2018

REVEL, Jacques. **Proposições: ensaios de história e historiografia**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2009.

ROUSSO, Henry. **A Última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2016.